

BENJAMIN LUDWIG

**A VERDADE
SEGUNDO
GINNY
MOON**

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

A verdade segundo Ginny Moon [recurso eletrônico] / Benjamin Ludwig ; tradução Débora Isidoro. - 1. ed. - Rio de Janeiro ; Campinas [SP] : Verus, 2020.

recurso digital

Tradução de: Ginny Moon

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-822-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Isidoro, Débora. II. Título.

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

20-63023

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Para minha esposa, Ember, cujo coração se abriu.

SUMÁRIO

6h54 da noite, terça-feira, 7 de setembro
7h33 da noite, terça-feira, 7 de setembro
2h27 da tarde, quarta-feira, 8 de setembro
2h50 da tarde, quarta-feira, 8 de setembro
2h45 da tarde, quinta-feira, 9 de setembro
6h45 da manhã, sexta-feira, 10 de setembro
7h04 da manhã, sexta-feira, 10 de setembro
9h08 da manhã, sábado, 11 de setembro
11h03 da noite, domingo, 12 de setembro
11h32 da manhã, segunda-feira, 13 de setembro
Exatamente 6h57 da manhã, terça-feira, 14 de setembro
Exatamente 3h31 da tarde, terça-feira, 14 de setembro
Exatamente 10h05 da manhã, quarta-feira, 15 de setembro
Exatamente 6h52 da manhã, sexta-feira, 17 de setembro
Exatamente 10h33 da manhã, sábado, 18 de setembro
Exatamente 9h10 da manhã, segunda-feira, 20 de setembro
Exatamente 3h05 da tarde, terça-feira, 21 de setembro
Exatamente 4h08 da tarde, quarta-feira, 22 de setembro
Exatamente 5h29, segunda-feira, 18 de outubro
Exatamente 5h43 da noite, segunda-feira, 18 de outubro
Exatamente 5h27 da manhã, terça-feira, 19 de outubro
Exatamente 6h23 da manhã, terça-feira, 19 de outubro

Exatamente 7h02 da manhã, terça-feira, 19 de outubro
Exatamente 7h09 da noite, terça-feira, 19 de outubro
Exatamente 6h50 da noite, quarta-feira, 20 de outubro
Exatamente 6h22 da manhã, quinta-feira, 21 de outubro
Exatamente 11h33 da manhã, quinta-feira, 21 de outubro
Exatamente 11h40 da manhã, quinta-feira, 21 de outubro
Exatamente 2h48 da tarde, quinta-feira, 21 de outubro
Exatamente 12h08 da tarde, sábado, 23 de outubro
Exatamente 2h08 da tarde, sábado, 23 de outubro
Exatamente 6h44 da manhã, segunda-feira, 25 de outubro
Exatamente 11h28 da manhã, quinta-feira, 28 de outubro
Exatamente 4h14 da tarde, sexta-feira, 29 de outubro
Exatamente Halloween — 2h05, domingo, 31 de outubro
Exatamente 2h52 da tarde, terça-feira, 2 de novembro
Exatamente 9h08 da noite, terça-feira, 2 de novembro
Exatamente 4h17, quarta-feira, 3 de novembro
Exatamente 8h05 da manhã, quinta-feira, 4 de novembro
Exatamente 3h31, sexta-feira, 5 de novembro
Exatamente 8h24 da manhã, segunda-feira, 8 de novembro
Exatamente 5h53 da noite, quarta-feira, 10 de novembro
Exatamente 6h44 da manhã, sexta-feira, 12 de novembro
Exatamente 10h37 da noite, terça-feira, 16 de novembro
Exatamente 6h22 da noite, quarta-feira, 17 de novembro
Exatamente 10h55 da manhã, sábado, 20 de novembro
Exatamente 12h41 da tarde, segunda-feira, 22 de novembro
Exatamente 11h41, sexta-feira, 26 de novembro
Exatamente 4h17 da tarde, segunda-feira, 29 de novembro
Exatamente 12h41 da tarde, terça-feira, 30 de novembro
Exatamente 2h48 da tarde, quarta-feira, 1º de dezembro
Exatamente 1h58 da tarde, sábado, 4 de dezembro

Exatamente 3h55 da tarde, quarta-feira, 8 de dezembro
Exatamente 2h51 da tarde, quinta-feira, 16 de dezembro
Exatamente 3h03 da tarde, quarta-feira, 22 de dezembro
Exatamente 11h56 da noite, sexta-feira, 24 de dezembro,

véspera de Natal

Exatamente 6h16 da manhã, sábado, 25 de dezembro, Natal
Exatamente 4 da tarde, sábado, 25 de dezembro, Natal
Exatamente 11h05 da manhã, domingo, 26 de dezembro
Exatamente 8h23 da noite, sexta-feira, 31 de dezembro,

véspera de Ano-Novo

Exatamente 7h07 da noite, quarta-feira, 5 de janeiro
Exatamente 11h33 da manhã, sexta-feira, 7 de janeiro
Exatamente 9h08 da manhã, sábado, 8 de janeiro
Exatamente 4h08, segunda-feira, 10 de janeiro
Exatamente 6h32 da manhã, terça-feira, 11 de janeiro
Exatamente 8h58 da manhã, quarta-feira, 12 de janeiro
Exatamente 3h02 da tarde, quinta-feira, 13 de janeiro
Exatamente 3h12 da tarde, sexta-feira, 14 de janeiro
Exatamente 9h18 da manhã, sábado, 15 de janeiro
Exatamente 9h44 da manhã, domingo, 16 de janeiro
Exatamente 3h50, segunda-feira, 17 de janeiro
Exatamente 5h14 da noite, terça-feira, 18 de janeiro
Exatamente 5h28, terça-feira, 18 de janeiro
Exatamente 5h36, terça-feira, 18 de janeiro
Exatamente 3h31 da tarde, quarta-feira, 19 de janeiro
Exatamente 9h32 da manhã, quinta-feira, 20 de janeiro
Exatamente 4h48 da tarde, quinta-feira, 20 de janeiro
Exatamente 2h10 da tarde, sexta-feira, 21 de janeiro
Exatamente 2h58 da tarde, sexta-feira, 21 de janeiro
Exatamente 11h19 da manhã, domingo, 23 de janeiro

Exatamente 4h03, domingo, 23 de janeiro
Exatamente 10h47 da manhã, segunda-feira, 24 de janeiro
Exatamente 11h02 da manhã, segunda-feira, 24 de janeiro
Exatamente 7h02 da manhã, terça-feira, 25 de janeiro
Exatamente 7h57 da manhã, terça-feira, 25 de janeiro
Exatamente 11h28 da manhã, terça-feira, 25 de janeiro
Exatamente 10h58 da manhã, quarta-feira, 26 de janeiro
Exatamente 11h07, quarta-feira, 26 de janeiro
Exatamente 4h35 da tarde, quinta-feira, 27 de janeiro

6H54 DA NOITE, TERÇA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO

O bebê eletrônico de plástico não para de chorar.

Meus Pais Para Sempre disseram que ia ser como um bebê de verdade, mas não é. Não consigo deixá-lo feliz. Nem quando o embalo. Nem quando troco sua fralda e dou a mamadeira. Quando falo *sh, sh, sh* e o deixo chupar meu dedo, ele só parece idiota e grita, grita e grita.

Eu o abraço mais uma vez e repito mentalmente: *Calma e paciência, calma e paciência*. E tento todas as coisas que Gloria costumava fazer quando eu *perdia a cabeça*. Depois disso, ponho a mão na nuca do bebê e subo e desço na ponta dos pés.

— Melhor assim, melhor assim — digo. De agudo a grave, como em uma canção. — Desculpa.

Mas ainda não funciona.

Eu o coloco em cima da cama e, quando o choro fica mais alto, começo a procurar minha Boneca Bebê. A de verdade. Mesmo sabendo que ela não está ali. Eu a deixei no apartamento da Gloria, mas bebês chorando me fazem ficar muito, muito ansiosa, por isso tenho que procurar. É como uma regra dentro da minha cabeça. Procuro nas gavetas. Olho no closet. Olho em todos os lugares onde uma Boneca Bebê possa estar.

Até na mala. A mala é grande, preta e parece uma caixa. Eu a puxo de baixo da cama. O zíper dá a volta toda nela. Mas a Boneca Bebê não está lá.

Respiro fundo. Tenho que fazer o choro parar. Se eu colocar o bebê na mala e cercar de cobertores e bichinhos de pelúcia, depois guardar tudo embaixo da cama, talvez não ouça mais. Vai ser como guardar o

barulho dentro do meu cérebro.

Porque o cérebro está dentro da cabeça. É um lugar muito, muito escuro, onde ninguém além de mim consegue enxergar algo.

E é isso que eu faço. Ponho o bebê eletrônico de plástico dentro da mala e começo a pegar cobertores. Ponho os cobertores em cima do rosto dele, depois um travesseiro e alguns bichinhos de pelúcia. Imagino que o barulho vai parar em poucos minutos.

Porque para chorar é preciso respirar.

7H33 DA NOITE, TERÇA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO

Acabei de tomar banho, mas o bebê eletrônico de plástico continua chorando. Já devia estar quieto, mas não está.

Meus Pais Para Sempre estão sentados no sofá assistindo a um filme. Minha Mãe Para Sempre está com os pés dentro de uma bacia de água. Ela diz que, ultimamente, eles têm *inchado*. Vou até a sala de estar, paro na frente dela e espero. Porque ela é uma mulher. Eu *me sinto muito mais confortável com mulheres* do que com homens.

— Oi, Ginny — diz minha Mãe Para Sempre enquanto meu Pai Para Sempre aperta o “pause”. — Que foi? Quer falar alguma coisa?

— Ginny — fala meu Pai Para Sempre —, andou arranhando as mãos de novo? Estão sangrando.

Eram duas perguntas, por isso não falo nada.

Minha Mãe Para Sempre insiste:

— Ginny, o que aconteceu?

— Não quero mais o bebê eletrônico de plástico — respondo.

Ela afasta os cabelos da testa. Gosto muito do cabelo dela. Neste verão, ela tem permitido que eu tente trançá-los.

— Você ficou quase quarenta minutos no banho — ela diz. — Tentou fazer o bebê parar? Pega isto aqui enquanto a gente arruma uns Band-Aids.

Ela me dá um guardanapo.

— Dei mamadeira e troquei a fralda dele três vezes — respondo. — Balancei, e ele não parava de chorar, e eu p... — Paro de falar.

— O barulho agora está diferente — diz meu Pai Para Sempre. — Não sabia que podia ficar tão alto.

— Pode fazer ele parar, por favor? — Peço à minha Mãe Para Sempre. E repito: — Por favor?

— É bom ouvir você pedindo ajuda — ela responde. — Patrice ficaria orgulhosa.

Longe, vindo do corredor, ouço o choro de novo e começo a procurar lugares para me esconder. Porque lembro que Gloria sempre saía do quarto no apartamento quando eu não conseguia fazer minha Boneca Bebê parar de chorar. Principalmente quando ela estava com um amigo. Às vezes, quando ouvia Gloria se aproximando por causa do choro da Boneca Bebê, eu saía com ela pela janela.

Seguro o guardanapo com força e fecho os olhos.

— Se fizer ele parar, prometo que vou pedir ajuda o tempo todo. — Abro os olhos.

— Vou dar uma olhada — diz meu Pai Para Sempre.

Ele fica em pé. Quando passa por mim, eu *me encolho*. Então vejo que ele não é Gloria. Ele olha para mim de um jeito engraçado e segue para o corredor. Escuto o barulho da porta do meu quarto. O choro fica mais alto de novo.

— Não sei se essa ideia está dando certo — minha Mãe Para Sempre comenta. — Queríamos que você visse como é ter um bebê de verdade em casa, mas não foi bem isso que planejamos.

No meu quarto, o choro fica tão alto quanto é possível. Meu Pai Para Sempre volta. Ele está com uma das mãos na cabeça.

— Ela pôs a boneca na mala — diz.

— O quê?

— Tive que seguir o som. Quando entrei, não a vi em lugar nenhum. Ela a enfiou lá com um monte de cobertores e bichos de pelúcia, fechou o zíper e empurrou a mala de volta para baixo da cama.

— Ginny, por que você fez isso? — pergunta minha Mãe Para Sempre.

— Ela não parava de chorar.

— Sim, mas...

Meu Pai Para Sempre a interrompe.

— Olha, vamos acabar malucos se não pusermos um fim nisso. Tentei fazer ela parar, mas também não consegui. Acho que esse é o ponto sem volta. Vamos ligar para a sra. Winkleman.

A sra. Winkleman é a professora de saúde.

— Ela disse que deu o número de emergência para Ginny hoje de

manhã — diz minha Mãe Para Sempre. — Está em um pedaço de papel. Veja na mochila dela.

Ele volta ao corredor e abre a porta do meu quarto de novo. Cubro as orelhas com as mãos. Ele sai segurando minha mochila. Minha Mãe Para Sempre encontra o papel e pega o celular dela.

— Sra. Winkleman? — diz. — Sim, é a mãe de Ginny. Desculpe por ligar tão tarde, mas temos um problema com a boneca.

— Não se preocupe, Garota Para Sempre — diz meu Pai Para Sempre. — Isso vai acabar em alguns minutos, e depois você pode ir se arrumar para dormir. Lamento que tenha sido tão intenso e irritante. Só pensamos...

Minha Mãe Para Sempre abaixa o celular.

— Ela disse que tem um buraco na parte de trás do pescoço. Use um clipe de papel para pressionar o botão dentro do buraco. É assim que desliga.

Ele vai ao escritório, volta e percorre mais uma vez o corredor a caminho da porta do meu quarto. Começo a contar. Quando chego ao doze, o choro para.

E agora posso respirar de novo.

2H27 DA TARDE, QUARTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO

Durante a quarta aula, que é de estudos sociais, a sra. Lomos entrou na classe para me dar um recado. Ela é minha orientadora. Usa grandes brincos de argola e muita maquiagem.

— Seus pais estão vindo para a escola para uma reunião — ela disse. — E depois vão levar você para casa. Então, quando ouvir os avisos da tarde e o sinal, fique na sala cinco com a sra. Dana. Pode ir adiantando a lição de casa. Eles vão te chamar em algum momento. Querem que você participe.

E agora estou na sala cinco, que é onde faço parte do curso de artes da linguagem com outras crianças especiais. Porque eu tenho “autismo” e “dificuldades de desenvolvimento”. Ontem ninguém me falou que hoje haveria uma reunião. Imagino que seja sobre o bebê eletrônico de plástico.

A sra. Dana está cuidando do ônibus. Eu a vejo pela janela com seu colete cor de laranja. Está em pé ao lado do Ônibus Número 74. Que é o meu ônibus. Atrás e na frente dele há outros ônibus. Filas e filas de crianças entrando neles. No corredor, todos que fazem esporte se preparam para os treinos. Alison Hill e Kayla Zadambidge já foram. Elas são as outras duas crianças que vão para a Sala Cinco comigo e Larry.

Os ônibus normalmente saem às duas e meia, mas três minutos não são suficientes para eu acessar a internet. Faz tempo que estou tentando acessar a rede sozinha, mas não tenho permissão para usá-la sem um adulto. Uma vez, quando eu estava com Carla e Mike, escondi o laptop dela embaixo do suéter e o levei para o closet. Eu digitava *Gloria*

LeBla... no Google no exato momento que Carla abriu a porta e me achou. Ela pegou o laptop, e, quando fiquei em pé, ela *aproximou o rosto do meu* e gritou e berrou.

E aquilo me deixou com medo, medo, medo.

Então uma vez na escola, enquanto eu fazia uma redação sobre gatos grandes, digitei no Google “Gloria vende principalmente gatos da raça maine coon”, porque é isso que Gloria faz para ganhar dinheiro. Mas minha professora me pegou, e, quando vim para essa nova escola da minha nova Casa Para Sempre, meus novos Pais Para Sempre disseram que não posso usar a internet nunca, porque eles precisam me manter em segurança. Depois Maura falou que ela e Brian me amam e que a internet *simplesmente não é segura. Simplesmente não é segura porque sabemos que você está procurando Gloria* era o que ela realmente queria dizer mesmo não dizendo a última parte.

E minha Mãe Para Sempre está certa, porque Gloria voltou para o apartamento com a minha Boneca Bebê. Não sei em que cidade fica o apartamento. Preciso saber se ela encontrou minha Boneca Bebê ou se já passou muito tempo e agora *é tarde demais para mim*. Se não for tarde demais para mim, preciso pegar minha mala depressa e cuidar muito bem dela, porque, às vezes, Gloria some por dias. Além disso, ela sempre recebe muitos amigos homens. E fica brava e bate. E tem o Donald, quando ele está na cidade. *Queria poder estar aqui com mais frequência, mas não posso*, Crystal com C costumava me falar quando eu contava as coisas que Gloria estava fazendo. *Então trata de cuidar bem da sua Boneca Bebê, exatamente como sua mãe diz. Ela vai ser sempre seu bebê, aconteça o que acontecer*.

Saio do meu cérebro e começo a arranhar meus dedos.

Larry entra. Ele põe a mochila em cima de uma carteira, apoia as muletas de braço na parede e senta. Muletas de braço são muletas que ficam presas ao corpo. Elas fazem Larry parecer um gafanhoto. Larry tem cabelo e olhos castanhos. Meus olhos são verdes. E ele canta o tempo todo e não gosta de matemática como eu gosto.

— Oi, baby — ele diz.

Eu respondo:

— Larry, não sou um bebê. Tenho treze anos. Não sabe disso ainda? Que coisa *chata*.

Chato é quando você fala uma palavra muitas e muitas vezes e as pessoas se irritam, como Patrice fazia ao dizer o tempo todo que eu era

um pouco parecida com uma boneca quando eu estava no apartamento com Gloria. Foi isso que ela disse no dia que avisei que precisava ir dar uma olhada na boneca. Ela não entendeu nada.

Larry estica os braços e boceja.

— Cara, estou cansado. Foi um dia muito, muito longo — ele diz. — Tenho que ficar aqui até minha mãe vir me buscar para ir no treino de vôlei da minha irmã.

— Você devia fazer a lição de casa enquanto espera — eu falo, porque foi o que a sra. Lomos disse para eu fazer. Pego o livro de artes da linguagem e abro na página cinquenta e sete, onde tem um poema de Edgar Allan Poe.

— Não — Larry responde. Vou mexer no meu Facebook. Criei um ontem.

Ele levanta, encaixa os braços nas muletas de novo e se aproxima do computador. Eu o sigo com os olhos.

— Você tem Facebook? — Larry pergunta quando para na frente do computador. Ele digita sem olhar para trás.

Olho para minhas mãos.

— Não — respondo.

— Então, baby, precisa de um. — E se vira para mim. — Vem cá, vou te mostrar. Todo o pessoal descolado tem, sacou? — Larry fala *sacou* o tempo todo. Eu acho que *sacou* é basicamente uma expressão.

— Não posso usar a internet sem um adulto — conto.

— Verdade. Eu lembro. Por que seus pais não deixam?

— Porque Gloria está na internet.

— Quem é Gloria?

— Gloria é minha Mãe Biológica. Eu morava com ela.

Paro de falar.

— Ela é fácil de achar? — Larry pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não. Tentei encontrá-la três vezes na internet em diferentes Casas Para Sempre, mas todas as vezes era *interrompida*.

— Como é o nome dela mesmo?

— Gloria. — Percebo que me levanto. Estou animada e pronta, porque sei que Larry vai me ajudar.

— Gloria do quê?

Eu me inclino para a frente e olho de lado para ele por cima dos óculos. Empurro o cabelo para trás, mas ele cai de volta no rosto.

Queria ter um elástico para prendê-lo.

— Gloria *LeBlanc*. — Faz tempo que não falo o nome *LeBlanc* em voz alta. Porque esse era meu nome. É como se eu tivesse deixado a eu original para trás quando fui morar com meus novos Pais Para Sempre. Com Brian e Maura *Moon*. Meu nome é *Ginny Moon*, mas ainda tem algumas partes da eu *original* em mim.

É como se eu me transformasse na *Ginny Moon* original.

— Solettra — Larry me pede, e eu vou falando as letras. Ele digita, depois recua e aponta a cadeira. Eu me sento nela.

E a vejo.

Gloria, que me batia, depois me abraçava e chorava. Gloria, que me deixava sozinha no apartamento o tempo inteiro, mas me dava bebidas chiques quando sentávamos no sofá para assistir a filmes de monstros, que dizia que ela mesma era *muito espertinha, apesar do que dizem*, porque ela *passou no exame final do colégio com notas altas*, o que me fazia pensar em um desfile de garotas vestidas com saias bonitas, girando bastões com flâmulas e celebrando.

Gloria, a segunda pessoa mais assustadora que eu conheci.

Gloria, minha Mãe Biológica.

A blusa e o cabelo de Gloria estão diferentes, mas ela tem fotos de gatos na página toda. E Gloria ainda usa óculos e é muito, muito magra, como eu. Não a vejo nem falo com ela desde que eu tinha nove anos. Foi quando a polícia chegou e ela me pediu desculpas dizendo que sentia muito. Agora tenho treze anos, mas vou fazer catorze em 18 de setembro, nove dias depois de hoje, porque:

18 de setembro

- 9 de setembro

9

E nove era a idade que eu tinha quando começou o primeiro Para Sempre. Um a cada dois meses, basicamente.

— Baby? — Larry me chama.

Ele está falando comigo. Saio do meu cérebro.

— Quê?

— Quer ver se ela está online no chat?

Fico animada, porque *chat* significa *conversar*.

Larry aponta para uma parte da tela.

— Aqui — ele diz. — É só clicar aqui.

Eu clico e aparece uma caixa onde posso digitar.

— Digita o que quer falar para ela. Sei lá, dá um oi e faz uma pergunta.

Não quero dar um *oi*. Em vez disso, digito a pergunta que faço a todo mundo e ninguém nunca entende:

Encontrou minha Boneca Bebê?

E espero.

— Você tem que clicar em Enviar — Larry explica.

Mas não estou escutando, porque as imagens da polícia e de Gloria e da cozinha estão se movendo tão depressa que não consigo ver mais nada. Estou mergulhando de novo no fundo do meu cérebro. Vejo Gloria com o rosto apertado contra a parede e a polícia a segurando lá. Vejo a porta arrombada e a luz vindo de fora e dois gatos fugindo. Não lembro quais.

— Eu clico para você — diz Larry.

Vejo a seta se movendo na tela na minha frente. A ponta toca o botão Enviar, e eu começo a contar, porque, sempre que alguma coisa pode acontecer, preciso ver até quanto eu consigo contar antes de acontecer, principalmente quando é a resposta que estou esperando há quatro anos.

Seis segundos passam. Então algumas palavras surgem na tela embaixo das que eu digitei. As palavras são:

É você, Ginny?

Mas isso não é uma resposta para a minha pergunta. Quero arranhar meus dedos, mas não posso, porque tem uma pergunta na tela e é minha vez de responder. Eu digito:

Sim, é a Ginny. Você não respondeu o que eu perguntei.